

Ai de Li

DN - 23.5.56

"O Globo" - 14.6.50

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### NÃO ERA NINGUÉM

QUANDO vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha; mas, para não incomodar os moradores, avisava, gritando:

— Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a idéia de gritar aquilo?

— Então você não é ninguém?

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer; e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendia dizer para dentro: "Não é ninguém não, senhora, é o padeiro". E assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação do jornal, quase sempre passando pela oficina — e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além das reportagens e notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre: "Não é ninguém, é o padeiro!"

E assobiava pelas escadas.

DN - 23.5.56